

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (MAIO 2018)

Com base na **amostra representativa da IACA** (19 empresas) constata-se, em **maio de 2018**, uma produção de 196 499 tons, contra 203 042 tons de maio de 2017, uma quebra de 3.2% face ao mês homólogo do ano anterior, regressando à tendência, interrompida precisamente no mês anterior, de produções em baixa. Assim, nestes primeiros 5 meses do ano, temos 3 em alta e 2 em quebra que ficam a dever-se, essencialmente, aos diferentes dias de fabrico, pese embora se assista, á medida que vamos avançando no tempo neste 2018, uma tendência para a desaceleração em alguns setores como os ruminantes, o que é normal pela maior disponibilidade de pastagens e forragens, quando comparamos com a situação de seca extrema e falta de alimentos, a que se juntou o drama dos incêndios, que vivemos em 2017.

De facto, com menos um dia de fabrico relativamente a maio do ano passado (21 contra 22) esta tendência de quebra atingiu todas as espécies, se bem que os bovinos tenham registado uma relativa estabilidade (-0.5%): -4.0% nas aves, -3.9% nos suínos e -2.7% nos alimentos para outros animais. No entanto, se olharmos para a produção média diária, temos uma leitura diferente, com 9 357 tons este ano, contra os 9 229 do ano anterior, ou seja, um incremento global de 1.4%.

No entanto, apesar da produção globalmente em alta, pelo menos a que é medida pela nossa amostra, tal não significa que o mercado atravesse uma conjuntura favorável, uma vez que continuam a não estar resolvidos os principais estrangulamentos a montante e a jusante, enquanto enfrentamos novos problemas (e desafios), que decorrem do contexto de tensões internacionais e que “desviam” as prioridades para outras questões, que não a agricultura, a pecuária ou o Setor agroalimentar no seu conjunto, igualmente importantes porque colocam em causa a coesão da Europa como as migrações, a segurança e a defesa ou a economia digital. E a verdade é que o orçamento para a PAC (que passou de 60% nos anos 90 para uma proposta atual de menos de 30% para o pós-2020) não é suficiente para as ambições de uma política que quer continuar a ser Comum, e ser agrícola, alimentar, de combate às alterações climáticas (mais ambiente) e que aumenta as taxas de cofinanciamento nacional, o que é muito complicado para países como Portugal, com problemas e restrições orçamentais evidentes. Tudo isto, apesar da importância estratégica que temos (ou devemos ter) na alimentação mundial e o peso relevante das exportações agroalimentares. E, pelo menos em Portugal, a Agroindústria é a principal indústria transformadora e a chamada “indústria pecuária” a mais relevante. Para já, estamos coesos em Portugal contra este Orçamento, mas as preocupações são evidentes.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Maio 2017	Maio 2018	Variação (%)
AVES	106 117	101 834	-4.0
BOVINOS	40 502	40 304	-0.5
SUINOS	44 496	42 755	-3.9
OUTROS	11 927	11 606	-2.7
TOTAL	203 042	196 499	-3.2

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

Toneladas

	2016	2017	2018	VAR % 2018/17
JANEIRO	177 309	193 210	209 886	8.6
FEVEREIRO	177 524	171 577	184 759	7.7
MARÇO	198 431	208 306	200 833	-3.6%
ABRIL	184 805	180 973	190 932	5.5
MAIO	189 448	203 042	196 499	-3.2
JUNHO	190 945	193 879		
JULHO	184 806	194 496		
AGOSTO	199 259	204 501		
SETEMBRO	196 772	198 101		
OUTUBRO	199 257	205 189		
NOVEMBRO	196 960	209 144		
DEZEMBRO	188 594	200 230		
TOTAL	2 284 110	2 362 648	982 909	2.7

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

Toneladas

	Jan-Mai 2017	Jan-Mai 2018	Variação (%)
AVES	495 682	498 054	0.5
BOVINOS	197 424	215 353	9.1
SUINOS	208 192	207 084	-0.5
OUTROS	55 810	62 418	11.8
TOTAL	957 108	982 909	2.7

Para além das considerações já referidas, no quadro da PAC, temos naturalmente outras que se prendem com a relação na cadeia alimentar, numa altura em que se está a rever as PIRC (Práticas restritivas ao comércio) e onde é necessário regular as promoções; o problema da resistência antimicrobiana e o papel da nutrição animal, em que a Alimentação Animal quer ser reconhecida como uma solução efetiva e que conseguiu esse estatuto pelo menos no acordo político sobre os alimentos medicamentosos. Mas temos também a imagem da produção animal, do bem-estar animal, a reputação do Setor e a questão das tarifas que os EUA impuseram sobre o aço e o alumínio e a retaliação da China, México, Canadá ou União Europeia e que penalizam países como Portugal e Espanha, para já no milho, pela sua elevada dependência. A tudo isto acresce a discussão do Plano Europeu para a Proteína, os OGM, as matérias-primas sustentáveis, as novas tecnologias e a sua necessidade para sermos competitivos. No fundo, os custos que tendem a aumentar, para já, sem que os produtos animais sejam valorizados pelos consumidores. Demasiadas incertezas...

Por outro lado, considerando as empresas que integram a base de monitorização mensal, nestes cinco meses de 2018, a generalidade das empresas (15 em 19) melhorou ou estabilizou a respetiva produção face ao ano passado, o que significa um relativo

aumento na concentração da atividade, uma tendência que se acentua em toda a Europa, com maior ou menor resistência, passando de 66.8% para 68.5% da produção. Os resultados de maio, desacelerando claramente, conduziram a um acumulado de 2.7% contra os 4.3% do mês anterior. A resiliência do “mercado livre” continua a fazer-se sentir, apesar da quebra de 3.2% em maio, mas temos um acumulado de 5.6% no período de janeiro a maio, com um ganho de cerca de 19 000 tons. De registar que o peso deste segmento se situou em 36.5% contra os 35.5% de 2017, sendo de esperar que esta tendência se mantenha ao longo do ano.

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2017	2018	2017	2018	2017	2018	2017	2018
JANEIRO	97	103	42	48	43	45	12	14
FEVEREIRO	88	92	36	42	37	38	10	12
MARÇO	108	103	43	45	45	41	13	13
ABRIL	97	99	36	40	39	41	10	12
MAIO	106	102	41	40	44	43	12	12
JUNHO	100		41		42		11	
JULHO	102		41		41		10	
AGOSTO	104		46		44		10	
SETEMBRO	100		44		44		10	
OUTUBRO	101		47		47		10	
NOVEMBRO	100		49		48		12	
DEZEMBRO	96		47		44		13	
TOTAL	1 199	499	513	215	518	208	133	63

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Finalmente, no que respeita aos mercados dos **produtos animais**, nos **produtos avícolas**, o frango tem registado preços entre 0.90 e 1.00 €/kg de peso vivo, os ovos entre 0.75 e 0.88 €/kg e o peru em 2.16 €/kg carcaça, assistindo-se a uma tendência de relativa estabilidade. No **leite**, são de registar em toda a Europa fortes preocupações com a alta da produção, na UE e a nível mundial, e os baixos preços do leite, enquanto assistimos a uma procura crescente de matérias-primas não OGM, pressionada pelas principais cadeias de distribuição. Nos **bovinos de carne**, regista-se uma estabilidade de cotações na Bolsa de 29 de junho, depois da quebra em maio. As exportações de animais vivos, sobretudo para mercados como Israel têm tido um efeito muito positivo. Nos **suínos**, depois da estabilidade nas últimas semanas, eis que a Bolsa de 28 de junho nos apresenta uma tendência de subida (0.02 €/kg carcaça), o que é um bom prenúncio. As recentes medidas impostas pelos EUA já referidas, têm conduzido a uma política mais agressiva da parte da União Europeia neste e noutros setores (por exemplo o México ou a China), com o anúncio de negociações ou de um acelerar nos processos de comércio livre em países como a Austrália e Nova Zelândia, quiçá a preparar o pós-Brexit. Com o Mercosul a espreitar. Nas **matérias-primas**, a volatilidade é agora determinada pelas decisões erráticas, o que aumenta a incerteza e a especulação. Por ora, é a política dos EUA que condiciona, sobretudo o milho. A soja e DDGS ficaram de fora da retaliação, mas esperamos convencer os decisores políticos a retirar o milho...em nome da competitividade da indústria que representamos e da pecuária nacional. Vai ser difícil, mas não iremos desistir...